

Pontas de presente: Matadouro 5, memória e presente do passado

Lucas Vinicius Erichsen da Rocha¹

Resumo: Este trabalho tem como proposta desenvolver breves apontamentos sobre possíveis maneiras de tratar do tempo, do testemunho e da memória de guerra. Para isso, buscaremos utilizar o livro *Matadouro 5, ou A Cruzada das Crianças: Uma dança de etiqueta com a morte* de Kurt Vonnegut enquanto nosso principal eixo na constituição do texto. Tentaremos não realizar comparações que podem levar ao desenvolvimento de algo que carregue sinais de insensibilidade, assim, nossas tentativas serão no sentido de estabelecer lugares comuns e ressonâncias entre algumas temáticas por vezes já presentes nos trabalhos de Primo Levi e Jean Améry. Não somente, tentaremos trabalhar com o tempo enquanto simultaneidade e coexistência

Palavras-chave: Matadouro; tempo; simultaneidade; memória, Kurt Vonnegut;

Tips of present: Slaughterhouse 5, memory and present from past

Abstract: This work have as a proposal to develop briefs notes about possible ways to talk about time, witness and war memory. For this, we seek to use the book *Slaughterhouse-Five, or The Children's Crusade: A Duty-Dance with Death* from Kurt Vonnegut while our main axis on the constitution of this text. We try not to make comparisons which can lead to the development of something with signs of insensibility, so, our attempts will be in the direction to establish common places and resonances between some themes sometimes already present on the works of Primo Levi and Jean Améry. Likewise, we will try to work with the time while simultaneity and coexistence.

Keywords: Slaughterhouse; time; Simultaneity; memory, Kurt Vonnegut;

Artigo recebido em 01/11/2016 e aceito em 01/12/2016.

Billy Pilgrim soltou-se no tempo.
(Kurt Vonnegut)

Justificativas

Logo de saída, é necessário alertar ao leitor que o campo onde atuo – ao menos no que posso perceber até este momento – não possui familiaridade com estudos relacionados mais especificamente com questões de reparação, traumas e sentimentos morais como o ressentimento. Dito isto, meu campo de estudo é sobre matadouros e a historicidade das práticas de matança animal para consumo humano efetivadas nesses locais. Entretanto, acredito que não devemos pensar que os campos em que atuamos são constituídos por grades de ferro que aprisionariam o pesquisador, impossibilitando este de *ensaiar* temas que lhe interessem. Nesse sentido, talvez não seja interessante ficar a semelhança de Billy Pilgrim quando este é usado em uma metáfora, empregada pelo guia tralfamadoriano para explicar ao seu próprio povo, sobre como parecia ser o tempo para aquele terráqueo, algo que é insondável para o próprio Billy:

O guia convidou a multidão a imaginar que estavam olhando para uma serra, através de um deserto, num dia luminoso e claro. Podiam olhar para um pico ou um pássaro ou uma nuvem, para uma pedra bem diante deles ou para dentro de uma garganta às suas costas. Mas entre eles se achava este pobre terráqueo, e a sua cabeça estava encerrada numa esfera de aço que ele jamais podia tirar. Podia olhar por apenas uma abertura para um só olho e soldado a esta abertura achava-se um tubo de dois metros de comprimento. [...]. Ele também estava amarrado a uma grade de aço aparafusada a um vagão plataforma sobre trilhos, e não tinha meio de mexer a cabeça ou tocar o tubo. O outro extremo do tubo estava apoiado num descanso de duas pernas, também aparafusado ao vagão plataforma. Tudo quanto Billy podia ver era o pontinho na extremidade do tubo. Ele não sabia que estava num vagão plataforma; nem mesmo sabia que havia algo de estranho em sua situação. As vezes o vagão plataforma se arrastava, outras vezes corria com muita rapidez; frequentemente parava, subia e descia ladeiras, fazia curvas ou seguia em linha reta.^{II}

Se eu sinto que estou em território estranho, pode acontecer de emergir uma espécie recíproca no leitor, e este sinta estranhamento com as conexões que tentarei estabelecer e nas ressonâncias que tentarei encontrar. Talvez, aqui, já teremos encontrando a primeira conexão, mutuamente estranhos.

Do mesmo modo, escrever sobre temas como o da violência, da guerra, seus afogados e seus sobreviventes, mesmo sob uma égide acadêmica, apresenta um tom cinzento. A pergunta que emerge é: deveria eu escrever, falar, ou ensaiar tal tema? Tentemos passar por tais temáticas com outra lente e, assim, com outro olhar. Uma possibilidade é dizer que iremos tratar *sobre* este tema e, irrevogavelmente sendo um outro, acredito que jamais poderei falar no lugar dos afogados e dos sobreviventes, mas posso falar com eles, junto desses sobreviventes.

Se tais receios e sentimentos de faltar com o respeito sempre assombrarão como um espectro, devo me convencer de que emudecer diante da violência também é um ato violento. Eis aqui uma aporia e algo de loucura, duas características que trazem ressonâncias daquilo que Jacques Derrida buscou evidenciar quando indica que em relação aos piores crimes, quando o pensando franco-magrebino diz que o perdão só permite *esquecer* aquilo que é da ordem do *inesquecível*^{III}.

Ainda nesse sentido, as palavras de Primo Levi, um sobrevivente dos *Lager* e talvez a testemunha ocular mais conhecida desses locais, nos fornecem algum alento por conta de que segundo Levi “é tarefa do historiador sanar a discrepância, que é tão mais ampla quanto mais tempo houve transcorrido desde os eventos estudados”.^{IV}

Este historiador de que fala Primo Levi, e este que aqui escreve, escrevem imersos no presente, tal como uma testemunha que anos depois narra a experiência dos acontecimentos. Temos em vista que “o presente da enunciação é o ‘tempo de base do discurso’, pois é no presente em que se encontra o momento em que se começa a narrar e, esse momento, inevitavelmente fica inscrito na narração”.^V

Se o passado narrado por testemunhas como Primo Levi, Anne Frank, Jean Améry e Kurt Vonnegut deixam o leitor incrédulo pela descrição de acontecimentos durante e após a Segunda Guerra Mundial, o presente que vivemos também suspende nosso fôlego com imagens de refugiados em busca de abrigo na Europa, de sírios, curdos, palestinos, brasileiros e nigerianos do norte (entre outros que compõem uma extensa e triste lista) afogados sob escombros da guerra e da violência. Coisas que deixariam ainda mais incrédula uma Susan Sontag já desacreditada, mas portadora de grande lucidez, com as guerras de finais dos anos 1990 e início dos anos 2000 que transcorriam relativamente isentas de documentação fotográfica”.^{VI}

Somos então, outra vez arrebatados do sentido de escrever sobre a violência mas, lembremos novamente, furtar-se de falar sobre a violência também pode ser um ato violento. Primo Levi explicita anseio semelhante quando diz:

Nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com; maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram: [...]. Falamos nós em lugar deles, por delegação.
Eu não saberia dizer se o fizemos, ou o fazemos, por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza o fazemos por um impulso forte e duradouro.^{VII}

É um anseio semelhante na medida em que devemos guardar as proporções de quando Levi narra sobre a violência testemunhada nos *Lager* em relação a quem escreve no presente, nesse caso o historiador. Pois “não podemos imaginar como é pavorosa, como é aterradora a guerra; e como ela se torna normal. Não podemos compreender, não podemos imaginar”.^{VIII}, ou então como afirma Kurt Vonnegut que “outra razão para não falar da guerra é que ela é inexprimível”.^{IX}

Vale notar, parece-me que o interesse pelo testemunho se dá pela vontade de saber o que aconteceu e como aconteceu em um espaço e tempo já impossível de ser experimentado pelo leitor.

Assim, essa literatura testemunhal quando pensada na esteira da crise do paradigma estruturalista após acontecimentos da segunda metade década de 1960^X, mostra-se profícua, ainda mais se for acrescentado um pormenor em relação ao que Beatriz Sarlo indicou como um capítulo do estruturalismo:

Esse capítulo está escrito e tem com o título “A morte do sujeito”. Quando essa guinada do pensamento contemporâneo parecia completamente estabelecida, há duas décadas, produziu-se no campo dos estudos da memória e da memória coletiva um movimento de restauração da primazia desses sujeitos expulsos durante os anos anteriores^{XI}.

Nesse sentido, a preocupação quase obsessiva de Primo Levi em relação a qualidade e cuidado para com a tradução de “É isto um homem?” para o alemão é válida de ser lembrada:

Eu não confiava no editor alemão. Escrevi-lhe uma carta quase insolente: intimava-o a não cortar ou trocar uma só palavra do texto, e exigia mandar-me o original da tradução por partes, capítulo por capítulo, à medida que o trabalho prosseguisse; queria controlar sua fidelidade, não só lexical mas interna.^{XII}

Esta questão referente a tradução deve ser notada por conta de que parte da tradição que busca por referente analítico o apagamento do autor visa demonstrar tal ocorrência quando um livro passa por diferentes mãos como tradutores e revisores. Levi tinha preocupações no sentido de evitar que a matéria prima de sua indignação fosse perdida durante a tradução.

Não tentemos desembaraçar essa questão da morte do sujeito e a literatura testemunhal, não é nosso intuito, embora estar alerta a presença do espectro dessa questão seja importante^{XIII}. Nessa direção, Sarlo destaca que talvez no caso de Primo Levi

[...] não é possível colocar os mesmos problemas de primeira pessoa que ocorrem quando ela é submetida à suspeita nas críticas feitas à centralidade do sujeito. [...] extratextual, psicológica, **ética** e com partilhada com quase todos os que saem do *Lager*. Simplesmente é impossível não falar^{XIV}.

Ética, talvez seja essa a palavra, o elemento, a matéria prima disparadora de nossa justificativa e mais um dos eixos de nosso texto. A ética emerge enquanto ter cuidado ao falar dos testemunhos e sobre eles, ou da ética enquanto posicionar-se diante de algo, quer seja a violência, a guerra, o relato da testemunha e, não menos importante, algo próprio do posicionamento ético que em nosso caso emerge ao tentar produzir, buscar nossa imanência na forma de ensaio. Outrossim, não buscaremos comparações, ou ímpetos de insensibilidade, mas lugares comuns e ressonâncias

Isto posto, este ensaio tem como proposta desenvolver breves apontamentos sobre possíveis maneiras de tratar do tempo, do testemunho e da memória de guerra. Para isso, buscaremos utilizar como eixo principal o livro “Matadouro 5 ou A Cruzada das Crianças – Uma dança de etiqueta com a morte” de Kurt Vonnegut.

“Coisas da vida”^{XV}

Típica nos escritos de Vonnegut, a frase acima dá uma dimensão do tipo de humor do autor. Nesse sentido, também parece uma maneira de conseguir explicar eventos inexplicáveis que beiram o absurdo.

Por um lado, pode-se dizer que seu senso de humor é resultante de alguém que nasceu em 1922 na cidade de Indianápolis, Estado de Indiana, foi alguém que cresceu durante um período em que a comédia - como relata o próprio Vonnegut era soberba, ou seja, durante o período a Grande Depressão nos Estados Unidos^{XVI}.

Outra maneira de explicar seu senso de humor, que algumas vezes pode parecer insensível, é a reação de alguém que precisa lidar com o trauma e a memória:

Vi a destruição de Dresden. Vi a cidade antes, e então saí de um abrigo antiaéreo e a vi depois, e certamente uma das minhas reações foi a risada. Sabe Deus, é a alma buscando algum alívio^{XVII}.

Não tentemos enquadrar o riso de Vonnegut por dois motivos. Primeiro por nosso intento não ser o de desenvolver um estudo sobre o riso, ou que este seja o fio condutor de nosso ensaio e que resultemos em um simulacro Bergsoniano de segunda categoria. Em segundo por conta de que devemos estar em alerta para evitar um estudo

a maneira de uma psicanálise oportunista, indiscreta e que, ao analisar Vonnegut, buscava uma terapêutica tardia. Analisar e diagnosticar aqueles que já faleceram, não eis aqui o meu ofício. Igualmente, esse alerta contém uma espécie de lugar comum quando Primo Levi escreve sobre seu incomodo para com as tentativas dos psicanalistas de analisar e explicar seu impulso de precisar relatar os acontecidos do *Lager*^{XVIII}.

Pensando em lugares comuns, vale lembrar que tanto Kurt Vonnegut quanto Primo Levi tinham formação em química. Talvez uma informação dessas não pareça ser procedente em um primeiro momento, mas elencar tal item biográfico talvez ajude a dimensionar a reverberação posterior na obra de ambos. Assim, se no caso de Levi, o ofício de químico, e dada a intensidade de sua experiência, foi essencial para sua sobrevivência e inclusive o salvou de seleções para a câmara de gás^{XIX}, no caso de Vonnegut sua formação enquanto químico foi de origem mais pragmática, porém, parece ter reverberado em sua escrita e conseqüentemente na recepção de seus escritos:

Os críticos julgam que não se pode ser um artista sério e ter também uma educação técnica, coisa que eu tinha. [...]. Enfim, me formei em química, mas acabo sempre como professor nos departamentos de inglês e, por isso, trouxe um pensamento científico a literatura^{XX}.

Tais críticas talvez tenham como base um argumento de que as narrativas desse bisneto de imigrantes alemães do século XIX, sejam confusas e ausentes de estrutura narrativa aparente. Talvez sejam, especialmente a de Matadouro 5, conforme veremos pouco mais adiante. Entretanto, essa é a potencialidade e a positividade do livro de Vonnegut. Outrossim, essa aparente ausência de estrutura narrativa seria um problema caso nosso intuito fosse o de um trabalho reacionário, pautado em grades analíticas que carregadas de negatividade, servem tão somente a pestificação do pensamento. Ou seja, deixo isso para vanguardistas tardios da crítica de pós-meados do século XX.

Matadouro 5 foi publicado originalmente em 1969, durante o período da guerra do Vietnã e pode ser considerada uma narrativa-testemunho sobre Kurt Vonnegut, que havia servido no exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, foi feito prisioneiro do exército nazista depois da Batalha de Bulge. Por sua vez, em Matadouro 5 o autor fala de sua experiência por meio de um personagem chamado Billy Pilgrim^{XXI}.

Por conta do ano em que foi lançado, Matadouro 5 foi alçado como um manifesto Anti-Guerra do Vietnã, algo que talvez não tivesse ocorrido no imediato do pós Segunda Guerra Mundial. Podemos supor isto por conta de que o matadouro do título ficava em Dresden, uma cidade mais ao Sul de Berlim e que até o início de 1945, não havia sofrido diretamente os estertores da guerra. Embora o livro se trate da vida de Billy Pilgrim após a Segunda Guerra, é em um dos depósitos subterrâneos de carne desse matadouro, cujo “endereço era *Schlachthof-fünf*^{XXII}”, que Pilgrim, junto de outros prisioneiros e de alguns soldados nazistas, ficaram abrigados durante o bombardeio da Royal Air Force sobre a cidade de Dresden.

Se Kurt descreve o bombardeio como insano, sem sentido e como uma “experiência militar para descobrir se era possível queimar uma cidade inteira espalhando bombas incendiárias sobre ela^{XXIII}”, somos levados a lembrar do tom lúcido em que Susan Sontag indica, além de também fazer um breve destaque a questão do bombardeio de Dresden, qual pode ser a aparência do perpetuador de barbaridades, ou seja, do bárbaro:

Talvez seja *essa* a aparência da maioria dos bárbaros. (Eles são semelhantes a qualquer pessoa.)

Dito isso, o “bárbaro”, para uma pessoa, é uma outra pessoa “que apenas faz aquilo que todos fazem”. (De quantas pessoas se pode esperar algo melhor do que isso?) A questão é: a quem queremos culpar? Mais precisamente: a quem acreditamos ter o direito de culpar? As crianças de Hiroshima e Nagasaki não eram menos inocentes do que os rapazes (e algumas mulheres) afro-americanos massacrados e pendurados em árvores em cidades pequenas dos Estados Unidos. Mais de 100 mil civis, três quartos deles mulheres, foram trucidados no bombardeio aéreo da RAF contra a cidade de Dresden, na noite de 13 de fevereiro de 1945; 72 mil civis foram incinerados em poucos segundos pela bomba americana lançada contra Hiroshima. A lista poderia ser muito mais longa. De novo, a quem queremos culpar? Que atrocidades do passado incurável julgamos ser nosso dever revisitar?^{XXIV}

O clima do pós guerra, especialmente nos países que integraram as forças aliadas não teria sido de boa recepção para com *Matadouro 5*. Como falar das atrocidades cometidas pelos vencedores, ou melhor dizendo, daqueles que haviam extirpado a figura do nazismo? Talvez Vonnegut fosse rotulado como um defensor do Reich? Creio que seja impossível de responder a segunda questão, mas não menos impossível de inferi-la.

A repercussão negativa da Guerra do Vietnã, quer seja na cultura ocidental e especialmente na cultura dos Estados Unidos é fartamente conhecida mas como isso pode ter afetado a possibilidade de escrita sobre a guerra, é algo que Kurt Vonnegut destaca, em forma de retrospecto, pouco mais de seis décadas depois do fim da Segunda Guerra Mundial:

Mas acho que a Guerra do Vietnã me libertou, e a outros escritores, porque fez nossa liderança e nossos motivos parecerem muito sórdidos e essencialmente estúpidos. Podíamos finalmente falar sobre maldades que praticamos contra as piores pessoas possíveis, os nazistas. E o que eu vi, o que tinha a relatar, fazia a guerra parecer muito feia. Sabem, a verdade pode ser uma coisa realmente poderosa. Não é algo que se espera.^{XXV}

Relatar certos eventos, compartilhar certos acontecimentos talvez seja substancial. Certas coisas nos consomem de maneira que seriam impossíveis de continuarem seladas. Assim, o riso de Vonnegut é tão curioso e interessante quanto a transparência, honestidade e virulência com que Jean Améry fala de suas memórias do *Lager* e sobre viver em uma Alemanha que, poucas décadas depois do Holocausto, parecia sofrer de amnésia, ou de esquecimentos convenientes:

Assim como na época do campo de concentração eu chamava a atenção dos meus companheiros de luta e sofrimento, ansiosos pela reconciliação, bem como dos antigos adversários recém-convertidos a tolerância. Eu alimentava ressentimentos. Já que não posso nem quero me livrar deles. Vivo com eles e sou obrigado a explicá-los àqueles contra os quais se dirige.^{XXVI}

Por quais motivos Améry não quer se livrar dos ressentimentos, ou como Vonnegut pode encontrar no riso um alívio? Voltamos assim, ao tópico de não enquadrar e, conseqüentemente, não patologizar a experiência desses testemunhos. Nesse caso, fiquemos com a inacessibilidade de compreender como alguém jamais teria o poder (ou como no caso de Améry, o poder de não querer) esquecer e/ou perdoar o perpetrador de uma violência:

We can imagine, and accept, that someone would never forgive, even after a process of acquittal or amnesty. The secret of this experience remains. It must remain intact, inaccessible to law, to politics, even to morals: absolute. [...]:

it is necessary also in politics to respect the secret, that which exceeds the political or that which is no longer in the juridical domain.^{XXVII}

De todo modo, podemos ter a certeza de que a literatura, o conhecimento e a vida foram engrandecidas com as obras de Améry, Levi e Vonnegut. Nesse sentido, podemos pensar que caso não tivessem escrito seus livros, tantos seus autores quanto as vítimas da guerra teriam sofrido uma dupla violência.

Suposições arriscadas? O esquecimento e o movente

Imaginemos o outro como um oceano, parece infinito, impossível de ser acolhido e compreendido em sua totalidade. Belo e indesvendável segredo, talvez seja por isso que navegações de compreensão e análise jamais irão conhecer todas as suas enseadas. Tais oceanos, quais e quantas zonas abissais possuem? Qual a extensão – talvez sejam de fato infinitos – e a densidade de suas águas? Suas tempestades, possíveis de prever? Miríades de oceanos constituídos por miríades de gotas de tempo, sentimentos e memória.

As memórias de um acontecimento emergem fragmentadas, misturadas com outros acontecimentos. Sendo assim, são também uma espécie de esquecimento e, quando narradas, considero-as de uma devastadora beleza. Poderíamos dizer que as palavras de Primo Levi são dolorosamente belas ao mesmo tempo em que não negamos – e nem devemos negar – os horrores que foram a matéria-prima de seus escritos. Não somente, o apagar de certas memórias pode ser bem vindo.

Primo Levi, ao reconhecer a substância movente da memória e sua tendência ao apagamento, é de uma arrebatadora lucidez. Décadas depois de sair do *Lager*, Levi refere-se a essa maleabilidade da memória:

As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos. [...] [...] mecanismos que falsificam a memória em condições particulares: os traumas, não apenas os cerebrais; a interferência de outras recordações “concorrentes”; estados anormais da consciência; repressões; recalques.^{XXVIII}

A fragilidade da memória, sua forma movente e fugaz, quando se faz necessária de ser contada e, nesse caso, quando aliada da literatura acadêmica na tentativa de estabelecer fundamentação sólida, é igualmente apresentada por Primo Levi.

Uma defesa é necessária. Este mesmo livro está embebido de memória: ainda por cima de uma memória distante. Serve-se, portanto, de uma fonte suspeita, e deve ser defendido contra si mesmo. Daí que contenha mais considerações do que lembranças, se detém de boa vontade mais no estado das coisas tal como é hoje do que na crônica retrospectiva. Além disso, os dados que contém estão fortemente escorados pela imponente literatura que veio a se formar sobre o tema do homem desaparecido (ou “salvo”), inclusive com a colaboração, voluntária ou não, dos culpados de então; e neste *corpus* a concordância é abundante, a discordância é mínima. Quanto a minhas recordações pessoais e aos poucos episódios inéditos que citei e citarei, examinei-os todos com cuidado: o tempo os desbotou um pouco, mas não destoam do contexto e me parecem a salvo das derivações que descrevi.^{XXIX}

Além do tom lúcido de Primo Levi, o mesmo consegue sempre manter suspensa e sem fôlego a sensibilidade do leitor ao mesmo tempo em que toma cuidado para com os acadêmicos e antecipadamente, faz uma justa defesa de sua memória e do que irá

contar. Cuidadosa testemunha, Levi sabe o difícil campo em que está e são suas considerações que nos levam a dizer que faremos suposições perigosas, ou melhor que arriscaremos em supor.

Quando Kurt Vonnegut começa a escrever Matadouro 5, mais de duas décadas depois do desfecho da Segunda Guerra Mundial, os esquecimentos da memória emergem nas suas primeiras tentativas de escrita. Nas tentativas de chegar o mais próximo do passado, daquelas memórias fugidias, Vonnegut entra em contato com alguém que também foi feito prisioneiro, Bernard O'Hare^{xxx}. Nesse sentido, Kurt Vonnegut relata em Matadouro 5 o quanto parecia inútil sua memória sobre Dresden e o quanto ainda era tentador falar sobre:

Quando voltei da Segunda Guerra Mundial, há 23 anos, achei que me seria fácil escrever sobre a destruição de Dresden, pois tudo que teria de fazer era relatar o que eu tinha visto. [...].

Mas não eram muitas as palavras a respeito de Dresden, na época, que me brotaram da cabeça — de qualquer maneira, não eram suficientes para um livro^{xxxi}.

O trecho em questão constitui parte daquilo que pode ser considerado o prefácio de Matadouro 5. Percebe-se o tom autobiográfico que fica ainda mais evidente quando o autor relata que tentou inclusive entrar em contato com a Royal Air Force em busca de detalhes sobre o ataque a Dresden. A resposta foi negativa e que as informações eram altamente confidenciais^{xxxii}. Entretanto, pouco depois Kurt diz que seu nome é Yon Yonson. Informo uma pequena curiosidade para aqueles que não leram seu livro? Talvez. Mas aqui consideramos o primeiro sinal da maneira que Matadouro 5 está estruturado, como isso tem relação com a maleabilidade e com os apontamentos que tentaremos fazer sobre a memória.

O primeiro deslocamento, um tipo de despersonificação do autor para com a história que será contada: “Meu nome é Yon Yonson”.^{xxxiii}

Se como dissemos anteriormente, matadouro 5 é aparentemente sem sentido, sem uma estrutura narrativa aparente e, por isso confuso, pode-se supor que isso ocorre por conta da própria memória de Kurt sobre sua experiência estar fragmentada, em processo de esquecimento e que suas lembranças foram se apagando ao longo dos anos.

Sabendo da trajetória referente a escrita do livro, tanto aquela apresentada no prefácio de matadouro 5, quanto em outros livros do autor como “Um homem sem Pátria”, percebe-se que a narrativa é desenvolvida na terceira pessoa efetivando um deslocamento subjetivo e talvez até mesmo epistemológico convenientes a tópicos que tratem sobre testemunho, trauma e memória.

No nono dia, o vagabundo morreu. Coisas da vida. Suas últimas palavras foram: — Você acha que isso aqui, 'tá ruim? Não 'tá ruim, não. Havia uma ligação entre a morte e o nono dia. Ocorreu uma morte também no nono dia no vagão à frente do de Billy. Roland Weary morreu de gangrena que tinha começado nos seus pés estropiados. Coisas da vida^{xxxiv}

Na passagem acima, podemos supor um certo elemento traumático. Suposição pois Vonnegut não deixa claro ou tenta explicitamente transparecer um elemento traumático ao contar a história de Billy Pilgrim. Em Matadouro 5, o referido Rolando Weary, foi um companheiro no início da peregrinação de Billy Pilgrim e foram capturados juntos por soldados alemães. O referido nono dia diz respeito aos dias dentro do vagão transporte ao passo que, conforme Pilgrim relata, os mortos só eram retirados do vagão no momento do desembarque final.

Outra possibilidade é que talvez o próprio Kurt Vonnegut não fosse capaz de relatar em detalhes os acontecimentos, dada o sentido violento que algumas situações tiveram para com ele. O outro é um oceano infinito que jamais conseguiremos entender, ou que seremos capazes de experimentar as mesmas sensações.

Nesse sentido, contar um testemunho cujas experiências foram possivelmente traumáticas como se eles tivessem acontecido com outra pessoa torne menos doloroso lembrar e relatar. Do mesmo modo, o senso de humor de Kurt e a maneira quase displicente de narrar os acontecimentos pode ser interpretado como uma espécie de estratégia.

Embora o trem de Billy não estivesse em movimento, os vagões de carga eram mantidos trancados. Ninguém podia saltar antes do destino final. Para os guardas, que iam e vinham do lado de fora, cada vagão se transformou num organismo único que comia, bebia e excretava pelos seus exaustores. Também falava ou as vezes berrava pelos seus exaustores. O que entrava era água e pão preto e salsichas e queijo, o que saía era merda e mijo e palavreado.

Lá dentro havia seres humanos que evacuavam em capacetes de aço, os quais eram passados para o pessoal perto dos exaustores, que os descarregavam. Billy era um descarregador. Os seres humanos também passavam cantis que os guardas enchiam de água. Quando entrava comida os seres humanos se tornavam calmos, confiantes e belos. Repartiam tudo^{xxxv}.

Sobre o trecho acima e, antes de passar para a próxima parte do nosso texto, dois alertas, principalmente pelo motivo de evitar a insensibilidade e uma escrita que parece se aproximar de uma busca por comparações. O primeiro alerta é de que a perspectiva de ser feito prisioneiro de guerra e transportado às cegas em um vagão não tinham a mesma intensidade daquela relata por Primo Levi quando este era levado até o *Lager*, mas isso não anula o fato de talvez houvesse mesmo um terror e horror na experiência de Billy Pilgrim. O segundo alerta é no sentido de que as condições de aprisionamento dos soldados ingleses e norte-americanos eram menos penosas do que as vividas nos *Lager*. E se essa diferença de tratamento é notada em Matadouro 5, Primo Levi deixa isso ainda mais claro em certos momentos de seus escritos^{xxxvi}. Do mesmo modo, tais observações devem ser cuidadosas para não diminuir a intensidade que os eventos vivenciados por Kurt Vonnegut tiveram para com o próprio e nem desrespeitar suas memórias. Sejam quais foram as condições de aprisionamento, jamais iríamos gostar de estar nas mãos do inimigo.

Pontas de presente: possibilidades de pensar o tempo

Os deslocamentos do autor/personagem são ainda mais interessantes quando Kurt Vonnegut indiretamente se apresenta enquanto continua a utilizar da narrativa na terceira pessoa. Isso é percebido quando Kurt apresenta ao leitor um pouco do que foi a recepção dos prisioneiros norte-americanos em galpões-prisão (antes de serem encaminhados para o matadouro em Dresden) por parte dos prisioneiros ingleses:

Billy olhou para dentro da latrina. Os queixumes vinham de lá. O lugar estava apinhado de americanos de calças abaixadas. A festa de boas-vindas tinha-os deixado passando mal como vulcões. Os baldes estavam cheios ou tinham sido derrubados.

Um americano perto de Billy queixou-se de que tinha excretado tudo, menos os miolos. Momentos depois disse: — Lá vão eles, lá vão eles. — Estava-se referindo aos miolos.

Esse era eu. Eu e mais ninguém. O autor deste livro.

Cambaleando, Billy deixou para trás a sua visão do Inferno. Passou por três ingleses que, à distância, observavam o festival de excrementos. Estavam catatônicos de nojo.

— Abotoe as calças! — exclamou um à passagem de Billy.

Billy abotoou as calças. Atingiu a porta do pequeno hospital por acidente. Atravessou a porta e viu-se novamente na lua de mel, voltando do banheiro para a cama e ao lado de sua mulher em Cap Ann.

— Senti saudade — disse Valencia.

— Eu também — disse Billy Pilgrim.^{XXXVII}

Ainda mais interessante é perceber a maneira como o autor consegue imaginar a si mesmo, enquanto olha na perspectiva de outra pessoa, um outro que parece ser, indiretamente, o próprio autor.

Em tantos agenciamentos, emerge algo esquisito, note-se como Billy Pilgrim, em um instante passa de um tempo-espaco para outro. As experiências com o tempo vivenciadas por Billy Pilgrim são narradas por Vonnegut por meio de um *vai e volta* constante, em uma espécie de um verdadeiro tempo da simultaneidade. A narrativa do livro é essa constante estrutura de tempo de simultaneidade, de um tempo cujos acontecimentos da vida de Billy parecem existir como se estivessem dobrados uns sobre os outros.

Billy tem espasmos no tempo, não pode controlar onde vai parar e as viagens não são necessariamente divertidas. Diz ele que vive num estado constante de febre de bastidores, porque nunca sabe qual o papel de sua vida que terá de interpretar em seguida.^{XXXVIII}

Billy Pilgrim começa a experimentar tais espasmos de tempo após ser feito prisioneiro de seres chamados tralfamadorianos. Embora tais seres apresentem-se relativamente amistosos e expliquem sua forma de enxergar e experimentar o tempo para Billy, arrisco-me ao dizer que Kurt Vonnegut tenha passado a experimentar, ou compreendido um tempo da simultaneidade através de sua memória depois de ter vivenciado o campo de batalha, ser feito prisioneiro e que isso tenha ressonâncias na composição de Matadouro 5.

Não somente, é para esse povo tralfamadoriano que Billy Pilgrim revela ter presenciado um evento surpreendente ao responder sobre o que tinha apreendido de mais valioso com aqueles seres alienígenas:

Alguém na multidão no zoológico perguntou-lhe, através do guia, qual era a coisa mais valiosa que tinha aprendido até agora em Tralfamador e Billy respondeu: — É como os habitantes de um planeta inteiro podem viver em paz! Como sabem, venho de um planeta onde ocorrem matanças insensatas desde o início dos tempos. Eu mesmo vi os cadáveres de meninas de escola fervidas vivas numa torre d'água pelos meus próprios compatriotas, que na época tinham orgulho de estar lutando contra o mal. — Isto era verdade. Billy tinha visto os corpos cozidos em Dresden. — E iluminei o meu caminho numa prisão, à noite, com velas feitas da gordura de seres humanos que foram massacrados pelos irmãos e pais daquelas meninas de escola que foram cozidas. Os terráqueos devem ser o terror do Universo!^{XXXIX}

Outrossim, ao utilizarmos da lente que procura enxergar Kurt e Billy sob o veloz girar do caleidoscópio autoral/testemunhal, praticamente denunciar um crime de guerra norte-americano não fosse tarefa das mais fáceis no imediato do pós guerra e reconhecer o de bárbaro emerge naqueles que estão nos campos de batalha. Ainda nesse

sentindo, imediatamente lembramos das já mencionadas condições propícias para falar sobre a violência da Segunda Guerra Mundial durante o período da guerra do Vietnã. Perceber tal conexão parece arrebatador para o autor e leitor tanto quanto Billy Pilgrim o é durante seus espasmos temporais.

Billy foi dormir como um viúvo senil e acordou no dia de seu casamento. Passou por uma porta em 1955 e saiu por outra em 1941. Voltou por esta porta e estava em 1963. Diz ele que viu o seu próprio nascimento e a sua morte muitas vezes e costuma visitar todos os acontecimentos entre eles. Diz ele.^{XL}

A fragmentação, as sobreposições que ocorreram na memória, ou então, a simultaneidade nos acontecimentos na vida de Billy Pilgrim podem apontar para o sentido do trauma na concepção de um trauma de guerra, o chamado estresse pós-traumático. Por meio de seu trabalho literário, podemos arriscar a dizer que os eventos narrados na vida de Billy foram uma maneira de Kurt lidar com os chamados *Flashbacks* que alguns ex-combatentes e sobreviventes de guerra vivenciam^{XLI}. Estes flashbacks trazem algo de um tempo que sempre volta, que é constante revisitado, pois “sempre que se faz um flashback, vai-se a um ponto que já foi presente. [...] É sempre um antigo presente que a gente recupera no flashback”^{XLII}.

Além de *flashbacks*, são constantes os pesadelos e note-se a seguinte passagem de Matadouro 5, quando Billy Pilgrim procura dormir enquanto é transportado em um vagão:

Billy se abaixou muito vagarosamente, agarrado ao suporte diagonal no canto, procurando se tornar quase invisível para os homens deitados no chão. Sabia que era importante transformar-se quase num espectro quando se deitasse. Tinha esquecido o motivo mas foi lembrado sem demora.

— Pilgrim — disse a pessoa contra a qual estava prestes a se aninhar — é *você*?

Billy não respondeu, mas se aconchegou muito cortesmente e fechou os olhos.

— Diabo que o carregue — disse a pessoa — é *você* mesmo, não é? — Sentou-se e apalpou Billy grosseiramente com as mãos. — É *você*, sim. Ponha-se para fora.

Agora Billy também se sentou, muito infeliz e quase chorando.

— Vá embora! Quero dormir!

— Cale a boca — disse alguém.

— Calo a boca quando Pilgrim sair daqui.

E assim Billy voltou a se levantar e agarrou-se ao suporte.

— Onde é que eu *posso* dormir? — perguntou brandamente.

— Comigo, não.

— Nem comigo, seu filho da puta — disse outra voz. — *Você* berra e dá pontapés. — É mesmo?

— Ora, se é. E choraminga também.

— É mesmo?

— Fique bem longe daqui, Pilgrim^{XLIII}

Assim sendo, pode-se dizer que Kurt talvez tenha encontrando na literatura uma maneira de relatar o estresse pós-traumático, ou que o autor só estivesse utilizando da literatura para contar sobre o que vivem alguns depois dos conflitos, sem estar em busca de exorcizar os demônios da memória. Em todo o caso, trata-se de uma dimensão absolutamente subjetiva e é novamente necessário informar que nossos apontamentos acerca dos pesadelos não são tentativas de diagnosticar Kurt Vonnegut, ou revelar quais foram suas experiências. Devemos ressaltar que o autor apresenta um elemento

importante para se pensar sobre o trauma e em como isso pode dar sequência em nossa perspectiva.

No termo estresse pós-traumático, utilizar-se de pós, quando os eventos traumáticos são re-experenciados constantemente, retornam em pesadelos e flashbacks, falar em pós não parece ser o termo mais apropriado, ou pelo menos, causa algum desconforto quando utilizado.

Esse reexperimentar dos eventos, pode não parecer lógico e até impossível de ser compreendido. Nesse sentido, semelhante indicação pode ser observada sobre o ressentimento, sobre a incapacidade de dar seguimento ao curso “normal” do tempo, da vida e deixar instantes do passado em outro tempo. A afirmação de Jean Améry é, nesse quesito, de uma constatação que nos apresenta um pouco do que deve ser o ressentir:

Sei que o ressentimento é um estado não natural e até contraditório do ponto de vista lógico. Prega-nos firmemente à cruz do passado destruído. Exige absurdamente que o passado se reverta, que se anule o acontecido. O ressentimento bloqueia a saída para a dimensão autenticamente humana, o futuro.^{XLIV}

Tentando evitar de pensar o tempo a maneira de sucessões, esse tempo parece ser algo quebrado, uma espécie de *vai e volta* frenético onde vive-se na simultaneidade e o ato de atravessar o batente de uma porta transporta alguém no tempo, quer seja décadas para o futuro ou décadas para o passado e que isso pode reverberar na memória.

Arrisquemos mais uma vez, a memória está atrelada ao tempo e o tempo a memória, mas não que essas sejam as suas únicas conexões e possibilidades de pensar sobre tais elementos. Após correr o risco, sejamos um pouco mais específicos e menos herméticos. O presente, o instante da atualidade tem suas pontas atreladas ao passado, que para o presente/este ensaio tem sua forma enquanto memória e ao futuro, este enquanto possibilidades.

Desse modo, se “Billy Pilgrim soltou-se no tempo” é por conta da simultaneidade aonde vivencia os acontecimentos. Sempre no presente, em cada acontecimento da vida de Billy Pilgrim e no exato instante em que ele os vivencia, existem outros momentos atrelados, quer sejam no futuro ou no passado, por meio dessas pontas do presente^{XLV}.

Nas experiências de Pilgrim, eventos levam a outros eventos, os acontecimentos enquanto imagens da memória e do tempo arrebatam Billy intempestivamente:

Uma mão invisível abriu uma válvula-mestra. Dos chuveiros jorrou uma torrente escaldante. A chuva era um maçarico que não esquentava. Castigou a pele de Billy sem derreter o gelo no tutano de seus ossos compridos. Enquanto isso, as roupas dos americanos estavam sendo tratadas com gás tóxico. Piolhos, bactérias e pulgas estavam morrendo aos bilhões. Coisas da vida.

Billy recuou no tempo até a sua infância. Era um bebê que tinha acabado de ser banhado pela mãe. Depois sua mãe o envolveu numa toalha e o levou a um quarto cheio de sol. Desembrulhou-o, deitou na toalha que lhe fazia cócegas, passou talco entre as suas pernas, brincou com ele e lhe deu palmadinhas na barriga gordinha. A palma de sua mão produzia estalos na sua barriga gordinha.

Billy gorgorejava e arrulhava. P. 74

A água escaldante disparou memórias em Billy a maneira das águas quentes do chá em que o narrador de *Em busca do tempo perdido* mergulha seus Madeleines e recupera memórias de sua infância. Ainda nesse sentido, a memória enquanto

lembrança parece indomável, impossível de escolher em qual momento se deseja estar, pois o tempo próprio da memória é o tempo do presente:

A lembrança insiste porquê de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*.^{XLVI}

Embora sejam delineados breves apontamentos sobre possibilidades de pensar o tempo com Matadouro 5, não imagino como poderia ser uma ciência, ou saber destinado exclusivamente a pensar o tempo. Aquilo que chamamos por *tempo* é da ordem da multiplicidade e sendo assim, filósofos, historiadores e cientistas não reivindicam que possuem a forma mais bem acabada para definir o que é o tempo. Talvez a *natureza* do tempo é ser múltiplo e encerrá-lo em argumentos não encerraria o que seria o *tempo*. Ainda nesse sentido, e não menos capazes de falar sobre o tempo, temos o cinema, a música, o teatro, *games* e outras maneiras de experimentar a multiplicidade temporal que se manifestam já nestas duas primeiras décadas do século XXI.

A configuração movente da memória e o quanto dela pode se apagar é indicada logo na primeira frase de Matadouro 5, quando o autor alerta que “tudo isto aconteceu. Mais ou menos”. Essa defesa prévia nos remete a defesa Primo Levi, anteriormente citada, no prefácio de *Os afogados e os sobreviventes*^{XLVII}. Ou seja, a memória caracterizada por seu aspecto movente e configurada sempre pelo atual “não vai apreender o passado enquanto tal. Ela vai apreender o antigo presente”^{XLVIII}.

Trabalhar com Matadouro 5 nessa perspectiva, considerado por alguns como simples ficção científica, é uma maneira de atualizar as maneiras de ler tal livro. Do mesmo modo, atualização talvez seja um dos termos chave para falar sobre o que caracteriza a memória. Se falamos anteriormente em criação, podemos dizer que o atualizar é criar, é dar forma em meio as mais diferentes configurações, diversos elementos e acontecimentos.

Para além da academia, algumas das contribuições mais interessante e profícuas sobre trabalhar a questão do tempo são resultados de ações como aquelas efetivadas pelas Mães de maio que:

More than just posing a formidable political challenge to Argentine society, the Madres' refusal to perform the labor of mourning, their resistance to closure, and their claim that the ghostlike desaparecidos will never be a matter of the past constitute a frontal attack on the prevalent modern concepts of time and history.^{XLIX}

No caso dessas mães que tiveram seus filhos desaparecidos durante a ditadura militar argentina entre 1966 e 1973, as maneiras de tratar do tempo tiveram uma espécie de caminho inverso do que pode ser entendido como usual. Isso pode ser deduzido no caso de que a concepção de tempo empregada pelas Mães para fundamentar a resistência com o desfecho do destino de seus filhos deu forma a Universidade Popular Mães da Praça de Maio, cujas leituras inaugurais abarcavam principalmente a concepção de tempo e História dessas Mães^L.

Tal maneira de resistir a morte de seus filhos e, por conta disso, reconfigurar a questão de referência ao tempo, foram alvo de tentativas cujo intuito foi o de patologizar as Mães por conta de que “a recusa das mães em lamentar foi considerada

como algo irracional, ou sinal de loucura”^{LI}. Posteriormente, conforme indica Berber Bevernage, a mesma questão de resistência ao luto passou ao reconhecimento e inclusive a reformular perspectivas da psicopatologia e da jurisprudência^{LII}.

A resistência que parece existir, e até o estranhamento, em problematizar as concepções de tempo tem relação com algo que Bevernage se refere por *cronosofia*^{LIII}, haja visto que “sua construção histórica foi uma das maiores conquistas intelectuais e que tem sido central para o pensamento histórico moderno”^{LIV}.

Para desenvolver seu argumento, Bevernage utiliza-se da espectralidade apresentada por Jacques Derrida. Espectros, que de acordo com o pensador franco-magrebino, estão sempre assombrando o presente. Nesse sentido, os filhos das Mães de Maio são espectros enquanto os próprios continuam desaparecidos, caracterizando assim um tempo diferente do tempo das sucessões, sendo este uma maneira de pensar o tempo que, “de acordo com Derrida, tem sido tradicional desde a Era de Aristóteles e permanece até hoje”^{LV}.

Esse tempo das mães de maio, que caracteriza-se pela resistência ao luto e de resistência as sucessões irreversíveis, têm suas ressonâncias com um dos aprendizados de Billy Pilgrim:

O fato mais importante que aprendi em Tralfamador foi que quando uma pessoa morre, ela apenas parece morrer. Ela continua bem viva no passado, portanto é tolice chorar no seu enterro. Todos os momentos, passados, presentes e futuros, sempre existiram e sempre existirão.^{LVI}

Além de uma maneira de lidar com a perda, temos no trecho acima mais uma contribuição extra acadêmica sobre tratar do tempo. Em nosso caso, criações que emergem formalizadas na literatura. Nesse sentido, contribuições sobre a questão do tempo, por vezes, (a)parecem subjacentes na literatura, quer sejam aquelas que tratam do testemunho, do traumático, do re-experenciar e do ressentimento. Assim, podemos então referir a uma certa semelhança com a assertiva de Félix Guattari quando este diz que:

[...] as melhores cartografias da psique ou, se quisermos, as melhores psicanálises não foram elas à maneira de Goethe, Proust, Joyce, Artaud e Becket, mais do que de Freud, Jung, Lacan? A parte literária na obra desses últimos constitui, de resto, o que de melhor subsiste (por exemplo, a *Traumdeutung* de Freud pode ser considerada um extraordinário romance moderno!)^{LVII}

Nesse sentido destacado por Guattari, as contribuições de Primo Levi para os estudos de memória, e talvez também existam contribuições de Primo Levi para a psicanálise, são tão enriquecedoras e instigantes quanto a potencialidade de tratar do tempo com Kurt Vonnegut. Billy Pilgrim, testemunha direta, narração indireta, tempo de simultaneidade.

Considerações finais

Abdicar de todas as concepções de tempo, ou desconstruí-las, não é o nosso intuito. A proposta foi sacudir algo, mesmo que de maneira breve.

Nas pontas do presente, o passado na forma do testemunho como matriz do discurso histórico^{LVIII}, no futuro um por vir que em alguns casos parece ser relativo e moldado as circunstâncias. No caso do por vir, a dolorosa e lúcida constatação de Jean Améry sobre a indignação do povo alemão em relação ao espectro do holocausto e, o

quanto o futuro estaria ao lado dos jovens, netos e filhos dos apoiadores do regime nazista:

Pois o mundo inteiro entende a indignação dos jovens alemães diante dos profetas do ódio e se coloca, sem vacilar, do lado daqueles a quem pertence o futuro. Pelo visto, o futuro é um conceito valorativo: o que será amanhã tem mais valor do que o que foi ontem.^{LIX}

Reconhecer o passado da vítima, não esquece-la e ainda estar em alerta ao reconhecer que a História não tem por intuito predizer o futuro. Entretanto, imersos no presente, cujas pontas ligam-se ao passado e ao futuro, o historiador não deve suspender tudo aquilo que pode dizer sobre o tempo, mas talvez reconhecer as implicações do testemunho e do ressentir em relação as enunciações sobre o tempo. Amálgama de Clio e Cronos.

Enquanto historiadores, também não devemos suspender uma crítica em relação ao testemunho. Assim, nosso trajeto aparenta ser ainda mais sinuoso, pois é preciso tomar cuidado para não suspender a validade da testemunha e se tornar um algoz historiográfico.

Se a frase: “tudo isto aconteceu, mais ou menos” que inicia Matadouro 5 parece sintetizar algo da configuração substancial da memória^{LX}, ao mesmo tempo ela parece indicar uma das possíveis aporias que o historiador encontra ao desenvolver seu ofício. Sendo assim, qual o caminho? Talvez possamos esboçar um ponto de partida. Assim, se a ética foi um dos elementos disparadores deste texto, voltemos a ela como diretriz a ser tomada e, se o ser ético é ter um posicionamento, que seja para que jamais nos tornemos insensíveis diante do grande pranto do mundo.

^I Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lucas.erichsen@ufrj.br ou lucaserichsen@outlook.com

^{II} VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P.99

^{III} [...] forgiveness forgives only the unforgivable. Derrida, P. 32. In: Part Two: On Forgiveness. P. 25-60 In *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort. English* On cosmopolitanism and forgiveness. 2001

^{IV} LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. P. 133

^V SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. 2006. P.48-49

^{VI} SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. 200

^{VII} LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. P. 73

^{VIII} SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. P. 104

^{IX} VONNEGUT, Kurt. Um homem sem pátria. 2006. P. 32

^X DOSSE, François. História do estruturalismo – v.2: O canto do cisne – de 1967 a nossos dias.

^{XI} SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. 2007 P. 30

^{XII} LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. P. 145

^{XIII} Ver também DOSSE, François. “Derrida ou o ultra-estruturalismo”, “Os quatro mosqueteiros” e “Do luto magnífico da literatura ao prazer do texto”. In: História do estruturalismo – v.2: O canto do cisne – de 1967 a nossos dias.

^{XIV} SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. 2007 P. 34 [Ênfase minha]

^{XV} Originalmente a frase é “So it goes”. Sua tradução também poderia ser “E a vida segue” ou “Essa é a vida.

^{XVI} VONNEGUT, Kurt. Um homem sem pátria. 2006.

^{XVII} Ibid. P. 15.

^{XVIII} “Eu não saberia dizer se o fizemos, ou o fazemos, por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza o fazemos por um impulso forte e duradouro. Não creio que os psicanalistas (que se atiraram sobre nossa trama com avidez profissional) sejam competentes para explicar esse impulso. Seu saber foi construído e verificado “fora”, no mundo que por simplicidade chamamos de civilizado: reproduz lhe a fenomenologia e tenta explicá-la; estuda lhes os desvios e tenta curá-los”. LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. 2004. P. 73

^{XIX} Não devo desprezar a ajuda que obtive de meu ofício de químico. No plano prático, salvou-me provavelmente de pelo menos algumas seleções para o gás: daquilo que li depois sobre o tema (particularmente em *The Crime and Punishment of IG-Farben*, de J. Borkin, Londres, McMillan, 1978), soube que o Lager de Monowitz, embora dependesse de Auschwitz, pertencia à *IG-Farbenindustrie*, era em suma um Lager privado; e os industriais alemães, um pouco menos míopes do que os dirigentes nazistas, se davam conta de que os especialistas, entre os quais me situava depois de ter passado no 'exame de química a que fui submetido, não eram facilmente substituíveis. LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. 2004. P. 118-119

^{XX} VONNEGUT, Kurt. Um homem sem pátria. 2006, P. 27-28.

^{XXI} Pilgrim pode ser traduzido para "peregrino".

^{XXII} "O endereço era: *"Schlachthof-fünf"*. *Schlachthof* queria dizer *matadouro*. *Fünf* era *cinco* mesmo. VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 132

^{XXIII} VONNEGUT, Kurt. Um homem sem pátria. 2006, P. 30.

^{XXIV} SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. P. 78.

^{XXV} VONNEGUT, Kurt. Um homem sem pátria. 2006, P. 32.

^{XXVI} AMÉRY, Jean. Além do crime e castigo – Tentativas de superação. 2013. P. 114.

^{XXVII} Podemos imaginar, e aceitar, que alguém jamais poderia perdoar/esquecer, mesmo depois de um processo de absolvição ou de anistia. O segredo dessa experiência permanecer. Ele precisa permanecer intacto, inacessível a lei, a política, até mesmo a moral: absoluto. [...]: é necessário, inclusive na política, respeitar esse segredo, que excede o político ou aquilo que não está mais no domínio jurídico. DERRIDA, Jacques. 2001, P. 55 In: Part Two: On Forgiveness. P. 25-60 In *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort*. [English] On cosmopolitanism and forgiveness. [Todas as traduções são de inteira responsabilidade do autor]

^{XXVIII} LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. P. 19.

^{XXIX} Ibid. P. 29

^{XXX} "— Escute — disse eu. — Estou escrevendo um livro sobre Dresden. Preciso de ajuda para me lembrar de coisas. Será que eu podia ir aí para vê-lo e nós podíamos tomar uns drinques, conversar e recordar? Não se mostrou entusiasmado. Disse que não conseguia se lembrar de muita coisa. Mas mandou que eu viesse". VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 9

^{XXXI} VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 7

^{XXXII} "Nessa época escrevi para a Força Aérea, perguntando detalhes sobre o ataque contra Dresden, quem havia dado a ordem, quantos aviões participaram, porque o realizaram, quais haviam sido os resultados e assim por diante. Recebi uma resposta de um homem que, assim como eu, estava no setor de relações públicas. Disse que sentia muito mas que a informação continuava sendo considerada como altamente confidenciais". VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 14

^{XXXIII} "Todos estão crescidos agora e eu sou um velho babão com suas memórias e seus *Pall Malls*. Meu nome é Yon Yonson, trabalho em Wisconsin, numa serraria de lá." VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 11

^{XXXIV} VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 70

^{XXXV} Ibid. P. 62-63.

^{XXXVI} "Em 7 de junho de 1944 vimos ir ao trabalho os prisioneiros ingleses, e havia neles algo diferente: marchavam em boa formação, empertigados, sorridentes, marciais, com um passo de tal modo vivo que a sentinela alemã que os escoltava, um miliciano não mais jovem, tinha dificuldades em segui-los. Saudaram-nos com o "V" da vitória. " LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. P. 89; "A hora semanal em que nossos companheiros "políticos" recebiam a correspondência de casa era, para nós, a mais desconsolada, àquela em que sentíamos todo o peso de ser diferentes, estranhos, separados de nosso país ou, antes, do gênero humano. Era a hora em que sentíamos a tatuagem queimar como uma ferida, invadindo-nos como uma avalanche de lama a certeza de que nenhum de nós retomaria. De resto, mesmo que nos fosse concedido escrever uma carta, a quem a endereçaríamos? As famílias dos judeus da Europa tinham desaparecido, estavam dispersas ou destruídas". LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. P. 90

^{XXXVII} VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 109. [Ênfase minha]

^{XXXVIII} Ibid. P. 25

^{XXXIX} Ibid. P. 100

^{XL} Ibid. P. 25.

^{XLI} Sobre o transtorno de estresse pós-traumático gostaria de indicar o seguinte link:

<http://drauziovarella.com.br/letras/e/transtorno-do-estresse-pos-traumatico/>, acessado em 25/08/2016. Outrossim, agradeço a meu amigo Maikon Scheres por me lembrar da questão do trauma e dos flashbacks.

^{XLII} ULPIANO, Cláudio. Aula de 14/04/1994 – Tempo, Pensamento e Liberdade. Aula transcrita disponível em: <http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/aula-de-14041994-tempo-pensamento-e-liberdade/>

^{XLIII} VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P.68-69

^{XLIV} AMÉRY, Jean. Além do Crime e Castigo. 2013 P. 115-116

^{XLV} Para uma leitura mais detalhada sobre o tempo da simultaneidade Aula de 05/05/1994 – Produzir seu próprio inconsciente – II, disponível em: <http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/aula-de-05051994-produzir-seu-proprio-inconsciente-ii/>

^{XLVI} SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. 2007 P.10

^{XLVII} Ver nota XXIX

^{XLVIII} ULPIANO, Cláudio. Aula de 14/04/1994 – Tempo, Pensamento e Liberdade. Aula transcrita disponível em: <http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/aula-de-14041994-tempo-pensamento-e-liberdade/>

^{XLIX} “Mais do que impor um formidável desafio político para com a sociedade Argentina, as Mães recusam-se a entrar em luto, a resistência delas para com um encerramento e suas reivindicações que o elemento fantasmagórico *desaparecidos* jamais será uma questão de passado constitui um ataque frontal no predominante conceito modernos conceitos de tempo.” BEVERNAGE, Berber. History, Memory, and State-Sponsored Violence: Time and Justice. New York: Routledge, 2012 P. 45

^L In 1999, the Madres decided to set up the Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo (UPMPM), a popular university that strives to ‘join together theory and practice’ and to function as a ‘new space of resistance. [...] the most interesting sources for our scrutiny of the Madres’ conception of time and history are to be found in a series of inaugural lectures and in a course named ‘History of the Madres de Plaza de Mayo. BEVERNAGE, Berber. History, Memory, and State-Sponsored Violence: Time and Justice. New York: Routledge, 2012 P. 43.

^{LI} [...], the Madres’ refusal to mourn often has been considered irrational or even a sign of madness. BEVERNAGE, Berber. History, Memory, and State-Sponsored Violence: Time and Justice. New York: Routledge, 2012 P. 42

^{LII} “After three decades of struggle, however, Abudara Bini claims, the Madres’ position forces a change of perspective in both psychopathology and jurisprudence, and, in retrospect, the question can be raised who has been crazy”. BEVERNAGE, Berber. History, Memory, and State-Sponsored Violence: Time and Justice. New York: Routledge, 2012 P. 42

^{LIII} Diria que a Cronosofia é algo como o saber que trata da questão do tempo.

^{LIV} “[...] breaking with this prevailing chronosophy is difficult because, [...] its historical construction was a major intellectual achievement that has been central to modern historical thinking.” BEVERNAGE, Berber. History, Memory, and State-Sponsored Violence: Time and Justice. New York: Routledge, 2012 P. 170

^{LV} Arguments about the non-coexistence of the parts of time and arguments that distinguish time from space by conceptualizing it as an ‘order of successions’ rather than an ‘order of coexistences,’ according to Derrida, must already have been traditional in Aristotle’s era, and this still remains so today [...].” BEVERNAGE, Berber. History, Memory, and State-Sponsored Violence: Time and Justice. New York: Routledge, 2012 P.140

^{LVI} VONNEGUT, Kurt. Matadouro 5, 1969. P. 28

^{LVII} GUATTARI, Félix. As três ecologias. 2008, P. 18

^{LVIII} “Se, como afirma Ricoeur em *Tempo e narrativa*, o testemunho está na origem do discurso histórico, a ideia de que sobre um tipo de testemunho seja difícil, quando não impossível, exercer o método crítico da história significa uma restrição que diz respeito não a suas funções sociais ou judiciais, mas a seus usos historiográficos”. SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. 2007, P. 37-38

^{LIX} AMÉRY, Jean. Além do Crime e Castigo. 2013, P. 125

^{LX} Ver também a página 12

Bibliografia

AMÉRY, Jean. *Além do Crime e Castigo*. Tradução: Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Contraponto. 2013

BEVERNAGE, Berber. *History, Memory, and State-Sponsored Violence*. London: Routledge, 2012

DERRIDA, Jacques. [Cosmopolites de tous les pays, encore un effort. English] *On cosmopolitanism and forgiveness*. English translation as 'On Cosmopolitanism' first published 2001 by Routledge . Routledge – London. 2001

DOSSE, François. *História do estruturalismo – v.2: O canto do cisne – de 1967 a nossos dias*. Tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. – Bauru, SP; EDUSC, 2007.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik; Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim Campinas: Papirus, 2008. 19º Edição.

LEVI, Primo. *Os Afogados e os Sobreviventes*. Tradução: Luis Sérgio Henriques. RJ: Paz e Terra, 2º edição, 2004.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução; Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras: Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução: Rubens Figueiredo. 4º Reimpressão. Sem data. Companhia das Letras – São Paulo.

ULPIANO, Cláudio. Aula de 14/04/1994 – Tempo, Pensamento e Liberdade. Aula transcrita disponível em: <http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/aula-de-14041994-tempo-pensamento-e-liberdade/> Acesso em: 15/08/2016

VONNEGUT, Kurt. *Matadouro 5*, 1969

_____, Kurt. *Um homem sem pátria*. Tradução Roberto Muggiati. – Rio de Janeiro: Record, 2006.